

ESCRITA DE DIÁRIO PESSOAL: DISCURSOS QUE SE REVELAM AO SE INGRESSAR NUMA NOVA ESCOLA

Adriana Letícia Torres da Rosa; José Batista de Barros; Madson Gois Diniz.

Universidade Federal de Pernambuco, adrianarosa100@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as “páginas de diários” produzidas por alunos que ingressaram no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no ano 2017. Investiga-se, com base nas características do gênero diário pessoal, os (pré)conceitos sobre o Colégio, apresentados na produção textual dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental. Ancoramos nossa abordagem na perspectiva do dialogismo de Volochínov (2017) para quem a linguagem é uma forma de interação social. Metodologicamente, aplicamos uma sequência didática com o diário pessoal, a fim de se conhecer as características sociais, discursivas e textuais do gênero textual citado. Como produção de texto final, solicitou-se que os alunos escrevessem uma página de diário, registrando sua experiência de vida quando chegaram ao CAp pela primeira vez. Os 60 textos produzidos compõem o *corpus* desse estudo que tem como sujeitos crianças de 10 a 12 anos, oriundos, em sua maioria, de escolas públicas e privadas do Recife e Região Metropolitana. Desta análise, pode-se apontar a importância do diário como uma ferramenta de diálogo, instrumento reflexivo e aferidor dos significados da escola e dos espaços escolares. Além disso, o gênero possibilita um canal dialógico entre as identidades dos discentes e a própria identidade do Colégio, favorecendo a interlocução das instâncias de formação e gestão. Nesse processo sócio-histórico, vários discursos desvelam-se e revelam as concepções ideológicas instáveis sobre a escola, que alicerçam a identidade institucional.

Palavras-chave: Diário Pessoal, Dialogismo, Produção de Texto, Escola.

Introdução

Como recorte de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa “Experimentação Pedagógica e Formação de Professores na Educação Básica: Núcleo de Estudos Literários e Linguísticos” (CNPq), apresentamos uma experiência pedagógica de escrita de diários que teve por basilar a imersão no regate de memória e na reflexão sobre a chegada ao Colégio de Aplicação (CAp), escola pública federal de Pernambuco, como aluno novato¹. Entendemos que o debate suscitado por esse diálogo revela-se importante para o entendimento, mesmo que singular e breve, das muitas e novas relações que se iniciam ao se chegar num novo contexto educativo.

Este trabalho tem como objetivo analisar as “páginas de diários” produzidas por alunos que ingressaram no CAp - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - no ano 2017,

¹ Este texto foi originalmente produzido para publicação em *Homenagem aos 60 anos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco*.

verificando, com base nas características do gênero diário pessoal, aos (pré)conceitos sobre o a escola, apresentados nas produções de texto dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental.

Ancoramos nossa abordagem na perspectiva do dialogismo de Volochínov (2017) para quem a linguagem é uma forma de interação social. No seio dessa concepção, os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados que materializam a linguagem e as possibilidades de ação em sociedade. Assim, partimos do pressuposto de que o estudo do funcionamento sociodiscursivo e textual dos gêneros textuais permite-nos identificar propósitos comunicativos articulados aos conteúdos temáticos, composições e estilos típicos de uma esfera social, como é o caso da acadêmica ou da familiar (cf. BAKHTIN, 2003). Para compreensão e análise dos (pré)conceitos, pautamo-nos na perspectiva a produção discursiva humana ancora-se nas relações (entre)discursos: o que se produz remete-se ao que já foi dito, bem como se projeta aos discursos que ainda estão por vir.

As bases do interacionismo social direcionam os estudos da linguagem verbal centrando-se em linhas mestras como: o dialogismo orienta toda ação semiótica humana e a interação constitui a substância da língua. No que se refere ao dialogismo mais especificamente, esse é tido como um dos elementos constitutivos essenciais da linguagem verbal pela relação existente entre os sentidos e a palavra como uma ação responsiva.

Há de salientarmos ainda, ser o dialogismo a condição precípua do discurso: toda palavra nasce em resposta às que já foram ditas e projeta uma resposta daquelas que estão por vir. Como bem nos apresenta Volochínov (2017), assim se explica a metáfora: a linguagem se constitui na corrente ininterrupta da comunicação humana historicamente marcada.

Com tal orientação teórica, analisamos as páginas de diário escritas pelos estudantes, considerando no seu conteúdo as marcas dialógicas e ideológicas que trazem ao descrever o que é o Colégio de Aplicação, bem como as vozes do discurso citadas que referendam a construção desse “preconceito” a respeito da escola na qual irá ingressar.

O dialogismo constitui-se como marca efetiva das relações entre palavras, enunciados, textos, imagens, e de todas as relações ideológicas e axiológicas das vozes sociais, que atravessam e constituem os discursos. Segundo Volochínov (2017) o dialogismo pode ser definido como toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. Nesse sentido, podemos afirmar que a palavra chave da teoria linguística bakhtiniana é o dialogismo.

A Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin (2003), pautada no dialogismo da interação comunicativa, deixa claro que todo e qualquer gênero responde a enunciados anteriores, assim como se projeta em razão de uma resposta a enunciados a ele posteriores:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra me defino em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade [...]. (VOLOCHINOV, 2002, p. 113)

O diário pessoal revela uma escrita íntima cujo leitor primeiro seria o próprio produtor, e neste trabalho, as páginas escritas pelos alunos comportam em si as memórias do cotidiano recém vivido com a chegada no Colégio, perpassando, no discurso, a imagem pré-construída sobre o Colégio: seja nas rodas de diálogo em ambiente familiar ou demais espaços discursivos, como vizinhança, escolas e cursinhos preparatórios para a prova de seleção. Nesse contexto, os signos refletem e refratam o mundo, ou seja, além de remeter a uma realidade que está fora de si mesmo, constroem diferentes percepções socioideológicas desse mundo; como retrata Volochínov (2017), cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para realidade e refrata a realidade a sua própria maneira. Qualquer necessidade natural para transformar-se em desejo humano, sentido e expresso, é preciso passar pelo estágio de refração ideológica e social, uma vez que depende do entorno da linguagem.

A constituição dos gêneros ancora-se, dentre outros elementos, nas relações que mantêm com demais gêneros já produzidos socialmente. Com esse entendimento, Bakhtin (2003) pensa a constituição do discurso, atestando que os enunciados, leiam-se os gêneros textuais, são plenos das palavras dos outros. Nesses termos, todo gênero tem em sua formação marcas dos demais e essas relações possuem graus distintos de assimilabilidade e de relevância.

O diário pessoal apresenta uma linguagem simples, coloquial e familiar, sem preocupações literárias. Nesses registros, encontram-se suas experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano e que sempre tem o próprio escritor como destinatário. Caracteriza-se como um texto narrativo que apresenta a ação de um personagem num determinado tempo histórico e espaço. Também pode tomar a forma de um texto descritivo no momento em que o escritor se ocupa em relatar determinado lugar ou acontecimento e repletos de adjetivos, os quais descrevem ou apresentam imagens a partir das percepções sensoriais de quem escreve.

Como todo gênero do discurso, o diário apresenta características que faz com sua identificação seja fácil, frente a alguns aspectos contidos na sua composição, que o diferencia de imediato de outros gêneros semelhantes: narrativa de histórias verídicas; escrita íntima e

confessional; geralmente, linguagem empregada na primeira pessoa, de caráter subjetivo; sinceridade do escritor; escrita em longos ou curtos períodos; expressividade e espontaneidade; registros em ordem cronológica, as páginas costumam ser datadas. É uma parte essencial de um diário, pois registra um tempo histórico; uso de vocativos, uma vez que não é escrito para uma pessoa específica; o desenvolvimento que se refere à parte na qual os registros e as informações mais importantes são detalhadamente registradas e finalmente a assinatura que evidenciar o autor do texto.

O objetivo principal desse gênero, para seu autor, é o registro de ideias e opiniões sobre a realidade que o cerca, como a expressão de sentimentos significativos para a sua lembrança ou simplesmente uma forma de desabafo, dada a capacidade da pessoa que o produz de dar ao mesmo o caráter da personificação. No diário, historicamente as palavras de outrem podem ser retomadas, de forma mais ou menos consciente, resgatando-se para a produção de linguagem não apenas seus aspectos formais, mas, sobretudo sociodiscursivos, pois, conforme nos diz Volochínov (2017), essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.

Metodologia

Metodologicamente, aplicamos uma sequência didática com o diário pessoal, a fim de se conhecer as características sociais, discursivas e textuais do gênero citado. Como produção de texto final, solicitou-se que os alunos escrevessem uma página de diário, registrando sua experiência de vida quando chegaram ao CAp pela primeira vez a fim de que se compusesse uma coletânea com os textos da turma: “*Meu encontro com o CAp*”. Os 60 textos produzidos compõem o *corpus* desse estudo que tem como sujeitos crianças de 10 a 12 anos, oriundos, em sua maioria, de escolas públicas e privadas do Recife e Região Metropolitana que ingressam no Colégio por meio de uma avaliação classificatória com provas de Matemática e Português. Chegando numa nova escola, apresentam (pré)conceitos e expectativas sobre essa, revelados nas páginas de diários escritas.

Após vivenciarem momentos de estudo do diário, com base na aplicação de uma sequência didática (20h/a) com o referido gênero textual, as características sociais, discursivas e textuais do desse foram discutidas.

Inicialmente foi proposta uma atividade de caráter anual chamada “Diário de Leitura”: os alunos teriam que relatar diariamente, em um caderninho, suas experiências com os livros

literários indicados pelo docente para leitura extraclasse. Semanalmente, eram convidados voluntariamente a socializar suas escritas com a turma, momento em que se discutia não apenas as características do gênero, mas também as compreensões e interpretações das obras literárias.

Além disso, ainda abordando o gênero, numa roda de diálogos, os alunos foram convidados a relatarem suas experiências prévias com o diário, e notaram que esse não é tão usado no cotidiano atual como já fora por gerações passadas. Relembrou-se vivências de leitura com diários publicados e a maioria estudantes demonstrou conhecer obras de diário ficcional como “O diário de um banana” de Jeff Kinney, “Diário de uma garota nada popular” de Rachel Renee Russell, “Destrua este diário” de Keri Smith, “Querido diário otário” de Jim Benton, “Diário de um adolescente hipocondríaco” de Aidan Macfarlane.

Realizaram-se leituras comparativas entre páginas do diário ficcional e páginas de diário íntimo ou de livros de memória, em especial, o “Diário de Anne Frank” de Anne Frank, “Minha vida de menina” de Helena Morley, “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. Com as leituras, verificaram-se aspectos relativos ao contexto de produção (quem escreve, a quem se dirige, com que objetivo, onde se publica), bem como os elementos linguísticos usados para se atingir aos propósitos comunicativos em curso (marcas que expressam tempo e espaço; vocativos; foco narrativo em primeira pessoa e o tom confessional; adjetivação e a descrição de ações, pensamentos e pessoas/personagens; níveis de formalidade na seleção das palavras; dentre outros).

Como produção de texto final, solicitou-se que os alunos escrevessem uma página de diário, registrando sua experiência de vida quando chegou no CAP pela primeira vez a fim de que se compusesse uma coletânea com os textos da turma “*Meu encontro com o CAP*”:

Produção de texto: *Meu encontro com o CAP* (Diário íntimo)

O quê? Você vai produzir uma página de **diário íntimo** (ou mais de uma), registrando sua experiência de vida quando você chegou no CAP pela primeira vez.

Para quem? Embora seja um diário íntimo, essa produção será reunida com as produções dos demais alunos do 6º ano do CAP para compor um pequeno livro em homenagem aos 60 anos do Colégio que será em março de 2018: “Meu encontro com o CAP... páginas que voaram dos diários”. Observe que a comunidade do CAP poderá ler seu texto então, mãos à obra!

Como fazer? O narrador será você mesmo. Para construir a sua narrativa, é preciso que você tenha em mente algumas das suas principais características, não só físicas, mas também seu “modo de ser” (tímido, extrovertido, medroso, corajoso etc). Essas

características ajudarão a pensar nos acontecimentos a serem narrados e como você reagiu a esses acontecimentos.

Para falar sobre **O PRIMEIRO DIA NO CAp** (08 de março de 2017, quarta-feira), faça um resgate da memória e registre o que você julgar mais interessante:

- Quando você estava para entrar no CAp pela primeira vez, o que você pensou ou sentiu... (você se lembrou de como soube que passou no CAp? Com quem você estava? Como reagiu?)
- Antes de conhecer o CAp, como você imaginava que ele era? E depois de conhecê-lo, a impressão foi a mesma?
- Você teve medo (ou outro sentimento) em relação dessa nova fase na sua vida? Por quê? Como você superou possíveis dificuldades?
- Quando você chegou ao CAp, que sensação teve? O que ocorreu de mais interessante... O que você esperava do CAp dali em diante...

Relembrando a estrutura de um diário

Colocar marcas de tempo ao iniciar sua narrativa: data, dia da semana...

Iniciar a narrativa de cada dia com um vocativo: Querido diário, Diário, Amigo Diário, Amigo... ou qualquer outro nome que queira dar ao seu diário.

Dirigir-se ao diário, ao longo do texto, como se ele fosse uma pessoa com quem você está conversando: “Sabe, diário, sempre que eu pensava no CAp...”; “Não sei se já falei com você sobre a ...”.

Registrar os acontecimentos vividos e os sentimentos despertados por eles.

Após a primeira escrita, os alunos realizaram seções de leituras em pequenos grupos, solicitando opinião dos colegas sobre os textos produzidos; o professor também realizou a leitura das “páginas”, observando as necessidades de adequação sociodiscursivas e linguísticas das produções às características do gênero, incluindo o uso da norma culta. Posteriormente, houve a atividade de reescrita e a exposição dos textos em painel na sala de aula para que todos pudessem ler, em momento oportuno, os textos dos colegas.

Resultados e Discussão

Com a pretensão de analisar as “páginas de diários” produzidas por alunos que ingressaram no Colégio de Aplicação da UFPE no ano 2017, a fim de identificar (pré)conceitos sobre o Colégio dos novos estudantes, procedemos com a leitura do *corpus*. Como categoria de análise, elegemos verificar a configuração das marcas dialógicas

articuladas à definição ou descrição do Colégio de Aplicação: discurso citado, alusão ou menção a fontes ou referências a outros discursos sociais presentes em suas páginas de diário.

Centramos nossa leitura interpretativa nos trechos do diário em que os alunos buscaram responder as questões da proposta de produção que envolviam expressar seus sentimentos quando estava para entrar pela primeira vez no Colégio (as lembranças de como soube que passou na prova de seleção do CAp; com quem estava; como reagiu); bem como nas memórias de antes de conhecer o CAp (como imaginavam que ele era e como, depois de conhecê-lo, as expectativas se confirmaram ou não).

O CAp significa Colégio de Aplicação, conhecido no Brasil inteiro (mas muitos daqui da cidade não o conhecem). Aluno 1

No começo eu nem sonhava com o que era o CAp, eu também não sabia para que servia a prova da UFPE. Minha família explicou, mas não prestei muita atenção na informação. Aluno 2

Nos contextos sociais em que circulam, os estudantes ingressos têm contato com uma série de discursos anteriores que contribuem para formar a sua ideologia prévia sobre a instituição. Grande parte dos alunos cita o discurso da mídia quando essa apresenta o CAp e seus resultados positivos em avaliações, como o Exame Nacional do Ensino Médio ou a Prova Brasil (avaliação voltada para o ensino fundamental).

O Projeto Pedagógico do CAp assinala as marcas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referentes à instituição, indicando média superior a 8, numa escala de 0 a 10. Criado em 2007, de acordo com o Ministério da Educação, o IDEB reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos aferidores da qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações nacionais. Seu cálculo pauta-se nos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho em avaliações específicas às quais as escolas do país são submetidas.

Contudo, alguns percebem, que apesar de apresentar um IDEB alto, maior que a média nacional, e por isso ser reconhecido como uma das melhores escolas públicas do país, há muitas pessoas da própria cidade que não sabem nem que essa escola existe: um contrassenso. Isso explica, por exemplo, o fato de que alguns alunos chegam no Colégio até mesmo sem referências prévias sobre a mesma. Esse aspecto foi observado, em especial, nos textos dos alunos cujo perfil se associa a estudantes oriundos das reservas de vagas. Em suas composições, a grande parte afirma não ter participado de cursos preparatórios para a

realização das provas de ingresso, seja por não terem condições financeiras para tal, seja por não saber que há uma cultura social de realização de cursinhos para preparação à seleção do CAP, seja ainda por muitas vezes as próprias famílias não investirem esforços nesse sentido por acreditarem que o CAP é um distante “projeto de vida”.

Depois de mais algumas aulas, percebi que esse colégio era como qualquer outro e não como diziam: afirmavam que esse colégio era bem mais difícil que o normal e blá blá blá. Aluno 3

Os estudantes também destacam em suas produções a referência às tantas vozes sociais que já os circundaram quando o tema central das conversações na família, nas antigas escolas ou nos cursos preparatórios frequentados, se falava do CAP. Por exemplo, o uso do sujeito indeterminado “diziam”, “afirmavam”, na citação do Aluno 3, reforça a ideia de que se concebe que o CAP é uma escola “bem mais difícil”, bastante exigente, o que supõe-se advir de toda “magia” que se propaga na interpretação dos seus resultados, como mencionado, quanto à excelente avaliação nacional enquanto escola pública.

Esses discursos prévios perdem a força quando os alunos conhecem de fato a realidade do CAP... aquela visão de que o Colégio era uma escola fora do “normal” é substituída por um sentimento de familiaridade, de realidade: o espaço, os professores, os alunos, os servidores, o currículo não parecem, a primeira impressão, tão distinto das demais escolas já conhecidas... e o discurso do medo vira ironicamente apenas um “blá blá blá”.

Imaginava que o Colégio era grande, que os alunos eram legais e que os professores eram ótimos. Aluno 4

Quando eu soube que passei na prova, fiquei muito feliz! Minha mãe, meu pai e meu irmão também ficaram muito felizes... Aluno 5

Reforçamos a tese de que as impressões sobre o colégio, - os alunos, os professores entre outros-, nascem do diálogo do estudante ingresso com vozes escutadas anteriormente. Alguns trazem nas suas bolsas o ideário de que há uma perfeição em relação ao CAP e seus atores, a qual se traduz nas várias adjetivações positivas que os diários expressam: “alunos legais”, “professores ótimos”. Em geral, essas adjetivações estão presentes nos textos daqueles alunos que mencionam o quanto se prepararam para fazer a seleção de ingresso na escola, bem como indicam o quanto a sua família investiu no projeto de estudo para a conquista de uma vaga na

renomada instituição e o quanto ingressar como aluno do Colégio traz felicidade para essas pessoas: a satisfação de vencer desafios e realizar sonhos. Nesse caso, as expectativas em relação ao Colégio são elevadíssimas.

Eu estava muito nervosa porque achava que o povo era chato, metido, nerd, racista...

Aluno 6

A escola é muito legal. Todas as más impressões que eu tinha mudaram completamente e estou amando o colégio. Aluno 7

Contudo, não só de perfume vivem as rosas... no imaginário que carregam, alguns estudantes creem que o CAP é uma escola cheia de espinhos: reconhecemos que essas impressões negativas associam-se ao contexto político e histórico brasileiro sobre a Educação, visto que no nosso país, educação de qualidade está relacionada à práticas mercantilistas e elitistas.

Na terça parte das páginas dos diários em análise, há passagens que indicam certa aflição narrativa no estabelecimento desse primeiro contato com o Colégio, por seus autores imaginarem que estariam rodeados de “chatos”, “metidos” e até “racistas”. Interpretamos, nesse sentido, que o CAP, no imaginário social dessas crianças, não deveria ser um espaço aberto à inclusão social.

Os discursos prévios criam no imaginário estudantil ideias sobre as pessoas com quem irão conviver, fato esse que é quebrado ao entrarem em contato direto com essas e verificarem, por exemplo, que os colegas de turma são tão crianças quanto qualquer outra da sua faixa etária. Ademais, o convívio diário com a filosofia da qualidade com compromisso social, acaba por desmistificar as “más impressões” antes construídas para a ressignificação das concepções: “a escola é muito legal (...) estou amando o colégio”.

Os princípios formativos do Colégio de Aplicação, delineados pela comunidade escolar no seu projeto pedagógico, apontam para constante (re)construção da escola como conhecedora e envolvida com a realidade social que a cerca, colaboradora na formação do cidadão reflexivo, crítico e partícipe, uma escola que se fortalece quando envolvida pela participação efetiva da comunidade, com base em soluções partilhadas na construção da sociedade desejada: justa, igualitária, democrática e solidária.

Um dos marcos da sua história, nesses 60 anos de existência, foi a opção pela mudança na forma de ingresso, saindo do modelo exclusivo de seleção com base em provas cujas vagas

destinavam-se à livre concorrência, para efetivação do ingresso, em 2017, com metade das vagas destinadas a alunos que cursaram integralmente os anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas. A educação inclusiva cada vez mais se consolida no projeto educativo do Colégio e a nova realidade no perfil do ingresso aponta para uma redefinição da identidade da escola enquanto espaço de formação de professores para as licenciaturas que (re)penha constantemente o currículo para agregar um público mais heterogêneo e plural.

Conclusões

As perspectivas dos diários escritos pelos estudantes do CAP perpassam diversos aspectos: a reflexão, a expressividade, o caráter referencial e o elemento histórico. A escrita diarística permite uma estratégia recursiva à consciência da escrita enquanto processo, integrando narrativas e histórias, convergindo o tempo ficcional com o tempo real. Em outras palavras, o diário deflagra através da escrita de si a possibilidade de escrita do outro. Quando os discentes escrevem em seus diários as experiências vividas, acabam por recontar e reconfigurar a própria história do Colégio de Aplicação.

O diário enquanto documento da memória é a biblioteca dos fatos, medida do tempo e observador imparcial que substitui a realidade enquanto vivência em realidade textualizada. Se os diários são espaços transformadores de negociação entre o individual e o coletivo, entre a história de vida e as histórias de vidas, as páginas que voaram do diário ganham contornos ainda mais expressivos, realçando imagens pré-concebidas, estereótipos, espaços e percepções de si, do ato de estudar e de ser escola. A compilação de narrativas aqui apresentadas possibilita evidenciar os limites e possibilidades do que é o Colégio de Aplicação da UFPE e do que representa no imaginário social. Também permite uma aproximação entre a escola idealizada e a escola real, problematizando estigmas e lacunas dos lócus educacionais brasileiros.

Desta análise, pode-se apontar a importância do diário como uma ferramenta de diálogo, instrumento reflexivo e aferidor dos significados da escola e dos espaços escolares. Além disso, o gênero possibilita um canal dialógico entre as identidades dos discentes e a própria identidade do Colégio de Aplicação, favorecendo a interlocução das instâncias de formação e gestão.

As páginas que voaram dos diários revelam a diversidade de olhares a cerca do Colégio de Aplicação. Olhares esses que veem se transformando a cada primeiro e último encontro de cada um que faz a instituição ao longo desses 60 anos de história.

Desde 10 de março de 1958 até os dias atuais, o Colégio desafia-se, com seus atores, a consolidar-se como um espaço de experimentação e demonstração de inovações pedagógicas, que colabora firmemente com a formação inicial e continuada de docentes e com os debates relativos à geração de políticas de Educação Básica no Brasil, mas, sobretudo desafia-se a constituir-se como lócus de formação humana dos tantos sujeitos que compõe a sua comunidade escolar. As experiências bem sucedidas de ensino-aprendizagem aliadas à pesquisa e extensão e também à preocupação com a transformação social a ser realizada pelo ser humano fazem do CAP uma referência de escola pública no país.

Nesse processo sócio-histórico, vários discursos desvelam-se e revelam as concepções ideológicas instáveis sobre a escola, que desde sempre e de cedo alicerçam a identidade institucional: um CAP comprometido com a qualidade da educação, dos seus alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio aos quais a compreensão dos fundamentos acadêmicos na sua articulação com a realidade é norteada. Nesse caminhar, o espírito científico, a autonomia intelectual, o pensamento crítico e reflexivo, o diálogo com a comunidade e os laços de solidariedade e tolerância humanas são basilares ao seu processo formativo.

Referências

BAKHTIN, M. [1979]. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 227-326.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro (trads.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p.81-108.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro (trads.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011a, p. 61-80.

MACIEL, Sheila D. A literatura e os gêneros confessionais. In: Antonio Rodrigues Belon & Sheila Dias Maciel (Orgs.). **Em diálogo: estudos literários e linguísticos** (pp. 75-91).

Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, Série Dispersos, 2007. p. 147-167.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários íntimos na Era Digital. Diários públicos, mundos privados**. Disponível em

http://www.academia.edu/15406456/Di%C3%A1rios_%C3%8Dntimos_na_era_digital_Di%C3%A1rio_P%C3%BAblico_Mundos_Privados. Acesso em 19 de setembro de 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.